



Não é o fim do mundo, é outra civilização



Ricardo Paes Mamede

O primeiro iPhone ainda não fez 18 anos, os produtos da concorrência são ainda mais jovens. Em menos de duas décadas, grande parte da humanidade – e quase todos os adolescentes e jovens adultos dos países ricos – passou a viver, todos os dias, com um *smartphone* na mão. Não é preciso ser muito velho para saber como a vida era diferente antes de terem inventado esta extensão do corpo.

Chamar-lhe telefone é impreciso. Com este aparelho faz-se de tudo um pouco e só uma pequena parte passa por comunicar com os outros através da voz. É acima de tudo um veículo para aceder a informação em grandes quantidades – na maior parte das vezes sob a forma de imagens (vídeos, em particular) –, mas também para interagir com o mundo de formas diversas, organizar a vida, passar o tempo. Nada de fundamentalmente novo, mas tudo mais rápido, mais variado, mais intenso. Tudo concentrado num só objecto, que nos absorve como nenhum outro.

Há uns quantos países em que as pessoas passam em média mais de cinco horas por dia a olhar para o telemóvel. Em grande parte do globo, a média é superior a três horas. Um segmento relevante da população mundial dedica-lhe mais de metade do tempo em que não está a dormir.

Os sinais de dependência abundam. Não são só as horas passadas em frente ao *gadget*, sem ter noção do tempo. É o modo compulsivo como se consultam as aplicações (em especial, as redes sociais), desviando a atenção da presença física dos outros, em contextos sociais, de trabalho e até íntimos. É a ansiedade que se sente nas vezes em que, por qualquer motivo, não se tem o telemóvel por perto e disponível. É a tentação de olhar para o ecrã até quando se conduz ou se atravessa uma rua a pé.

A difusão foi tão rápida e tão generalizada que ainda não há muitas certezas sobre as implicações desta mudança drástica nos hábitos quotidianos. Mas são já muitos os estudos que detectam perdas de bem-estar individual, associados ao distanciamento social e emocional, ansiedade e stress, distúrbios do sono, entre outros.

A isto juntam-se preocupações com a perda de privacidade, a vigilância intrusiva, a manipulação da informação ou o poder desmesurado de uma mão-cheia de empresas (americanas, mas não só) que controlam os dados e os algoritmos que guiam a nossa atenção. Ou a facilidade com que se produzem e difundem notícias falsas e mentiras descaradas, umas mais perigosas do que outras, que nos deixam sem saber em

quem acreditar e põem em xeque a coesão das sociedades.

Alguns ponderam questões mais profundas. Para o filósofo alemão-coreano Byung-Chul Han, os *smartphones* fizeram da exposição constante uma norma social. A necessidade de estar sempre ligado e produtivo leva ao esgotamento físico e emocional, mas não só. A alienação do mundo físico empobrece a nossa experiência de vida. A superficialidade das interações digitais, a fragmentação da atenção e a perda da profundidade no pensamento são, para Han, sintomas de uma crise mais ampla, que ameaça a essência da nossa humanidade.

É tentador e legítimo confrontar as perspectivas negativas sobre a era dos *gadgets*-ligados-às-redes com todas as vantagens e potencialidades que lhes estão associadas: a facilidade com que comunicamos com amigos, amantes, familiares e colegas, sem limites geográficos; a enorme capacidade de acesso a informação a qualquer momento, facilitando a aprendizagem e a tomada de decisões informadas; o potencial de gestão do quotidiano, de organização do trabalho, de apoio à criação e de coordenação com outros; as possibilidades quase ilimitadas de entretenimento.

É tentador, mas não é adequado. Os inúmeros problemas e riscos associados a esta nova era não nos devem fazer esquecer tudo o que de positivo ela nos trouxe, mas o inverso também é verdade. Todos os problemas atrás referidos existem de facto (com maior ou menor adjectivação) e é imprudente negá-los ou menorizá-los.

Já quanto à perda da humanidade

essencial, a que se refere Byung-Chul Han, talvez seja uma preocupação deslocada. A essência dos seres humanos levou milénios a formar-se, não é de esperar que se altere tão cedo. Até porque faz parte dessa essência identificar perigos e reagir quando nos sentimos ameaçados na nossa humanidade.

Fomos mais céleres a introduzir os telefones-espertos nas nossas vidas – na verdade, a fazer deles uma extensão dos nossos corpos – do que a reconhecer e a saber lidar com os seus riscos. Mas é um trabalho em curso, que continuaremos a fazer como indivíduos e como sociedade.

Pouco a pouco vamos aprendendo a pensar criticamente sobre as informações que nos chegam através das redes sociais, a distinguir entre fontes confiáveis e não

confiáveis, a reconhecer a desinformação nas suas diferentes formas. Vamos adoptando medidas básicas de segurança *online*. Mesmo entre os mais jovens (ou principalmente entre eles?), vamos assistindo à adopção de práticas de uso consciente e equilibrado dos *smartphones*, incluindo a opção por viver momentos sem tecnologia, dedicados ao exercício físico, ao convívio social, ao contacto com a natureza, ou à leitura.

Mas ainda há muito caminho a fazer para aprendermos a lidar com esta nova era. Desde logo, porque os *smartphones* e as redes sociais são o que são e não vão mudar. A rapidez e a superficialidade são a sua essência, para o bem e para o mal, e com elas teremos de viver. O poder de quem as domina vai continuar a fazer estragos, a aprofundar desigualdades, e não será fácil de inverter. Como em todas as revoluções tecnológicas, uns vão ter mais benefícios do que perdas, outros vão sofrer mais do que ganham.

No final, vamos ter uma sociedade diferente em muitos aspectos, noutros, nem por isso. Muitos valores e comportamentos dominantes serão distintos, confrontando-nos com situações que nunca imaginámos e com que não sabemos lidar. Por outro lado, os dilemas éticos, as angústias e os prazeres vividos pelas personagens dos clássicos da literatura russa vão continuar a parecer-nos tão actuais como eram há um século e meio. Será (já é) outra civilização, é certo. Mas continuamos a ser quem somos e a ter muito espaço para decidir em que mundo queremos viver.

Economista e professor do ISCTE

PAULO PIMENTA

